

Fazenda, 10,12,1911

Rangel:

O problema que propões é de tal ordem intrincado que para solve-lo só um Balzac_ e acho até que só o Balzac da *Fisiologia do Casamento*. Creio que a atitude do marido tem que ser um reflexo natural do seu temperamento. O bilioso, o linfático e o sanguíneo agem de modos diversos. Mas como a classe dos biliosos, linfáticos e sanguíneos se desdobra num infinito de variedades, assim também variam as atitudes maritais diante dos flirts públicos de que a consorte é objeto. Em tese, uma cara bonita que passeia pela rua por um braço masculino faz parte da paisagem; e, portanto, todos os transeuntes de bom gosto estético têm o direito de encher o olho com ela. Uma bela árvore, uma bela fachada de casa, um bonito jardim particular, uma bonita mulher na rua (ainda que com o Cerbero ao lado), são coisas para os olhos de todos_ e o marido, tal qual o dono da fachada ou do jardim, só deve orgulhar-se das olhadelas admirativas e invejosas. A questão complica-se quando o olhar é mais que olhar. Ha olhar e olhar. *Est modus in rebus*. Ha o olhar atrevido do conquistador de esquina, coisa muito nossa e sobretudo carioca. No Rio abundam profissionais de olhar atrevido. Moram na rua e contra todas as mulheres que passam ao braço dos donos chispam eles o tal olhar magnético, na eterna esperança do *coup de foudre* (que às vezes sobrevem). Muito adultério deve ter-se gerado desses coriscos. O fim remoto e secreto de tais peixes eletricos é esse_ caçar as Bovarys.

Mas vamos à atitude marital. Ha o remedio homeopatico: para um olhar atrevido e insistente, olhar ainda mais atrevido e insistente. *Similia similibus*. O defeito deste sistema está em que enquanto o marido encara o gajo, este está encarando a esposa e não percebe coisa nenhuma. Se, entretanto, percebe, enfia e some-se. Ha a atitude linfática: fingir que não vê e quando em casa a mulher queixar-se do “mal educado”, enfurecer-se, ameaçar_ e ir discretamente azeitar o tambor do revolver, mas de modo que a mulher o perceba. Ha a atitude nervosa, ou sanguínea, em que o marido perde a tramontana e agride o insolente a bengaladas_ e tudo acaba com explicações na policia e entusiasmo da esposa. Ha a atitude biliosa na qual não sei o que se faz, visto como sou bilioso e os homens não se conhecem.

A melhor solução me parece a de um sabio ecletismo, coisa muito ponderada: fingir que não vê enquanto isso é possível; encarar com insolencia provocadora, quando isso aproveita; quebrar a cara do olhador, quando não houver perigo do feitiço voltar-se contra o feiticeiro. Faz-se mister um grande tacto na aplicação deste ecletismo, só possível, pois, para os homens que não perdem a cabeça.

Um meio que dá bons resultados é abordar o olhador e dizer-lhe qualquer coisa finamente mordaz.

Eu tive um companheiro de republica, o Mateus, que se viciou em encarar e fulminar com fluidos magneticos todos os palmos de cara bonitinhos com que se cruzava na rua. Uma vez estrepou-se. Foi no Largo do Rosario. O palmo vinha acompanhado do irmão, o qual entreparou e disse amavelmente ao Mateus, estendendo-lhe o cartão: “Moramos na rua tal, numero tanto, onde teremos muito gosto em receber sua visita e onde poderá encarar minha irmã com toda a comodidade. Parece-me que aqui na rua o lugar é improprio”. Mateus, apesar de cinico, engasgou. Ao “Patife, eu te quebro a cara!” ele sabia reagir, mas de que modo reagir contra um convite tão amavel?

É esta reação que sugiro. Amavel, limpa, decente, sem policia no meio. É o sistema francês_ atender a todas as situações da vida com um *bon mot*. E eles levam o processo ao extremo. O marquês de Gallifet, figura das mais altas na aristocracia francesa, vingou-se do chifre que *un tel* lhe pôs dizendo numa roda lá no clube, quando *un tel* entrou: “*Je viens de le faire cocu*”. E esclareceu a surpresa dos ouvintes: “*J’ai couché avec ma femme*”.

O inglês, dizem, resolve o caso com um murro_ no que eu não acredito. E dizem que o italiano o atende com uma facada_ o que é natural.

A você aconselho que guarde o revolver. Matar gente, além de contrario a um dos mandamentos de Moisés, deve ser uma tremenda maçada_ o juri, o libelo, as imbecilidades do promotor e da defesa. Também não aconselho que finja que não vê, porque é desmoralizante. Tire o troco da tua veia de humorismo. Faça espirito. Não somente ficarás satisfeito contigo mesmo, lisongeadado com a mordacidade do *bon mot*, como deixarás o gajo “interdito”_ e é até possivel que tua mulher passe a te admirar. Elas lambem-se por qualquer forma de superioridade do esposo.

Estou na fazenda ha já uma semana, lidando com doenças de bestas, bicheiras de carneiro, roças de milho e mais coisas. Ainda não adquiri o olho exclusivamente utilitario. Uso muito o estetico_ e temo que isso me dê prejuizo no fim do ano. É a opinião do meu utilitarissimo administrador.

Quanto ao *Romance* do Rio, havemos de voltar ao assunto. Ideia já velha, mas boa. N’*Os Lambeferas*, de execravel memoria, o melhor pedaço é o em que essa ideia bruxoleia. E cá a tenho ainda no utero mental, para o mais belo e original romance brasileiro do seculo vinte: O PARAIBA.

Sabe quem andou por aqui? Um emissario daquele famoso coronel João Francisco do Rio Grande. Está com ideias dum saladeiro em Caçapava e pensa em comprar-me a fazenda.

LOBATO